

Governo nada faz para salvar porto de São Mateus

Texto: Nilo De Mingo
Fotos: Carlito Medeiros

Outrora um dos portos mais importantes do país, hoje abandonado, com seus casarões sendo demolidos pela ação do tempo, o porto de São Mateus vai desaparecendo, sem que nada ou quase nada seja feito pelas autoridades no sentido de sua restauração. De concreto só dois fatos: em 1976 ele foi tombado pelo Estado e este ano um escoramento, hoje já precário, feito nos velhos casarões. A Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional manifestou sua preocupação e ceticismo, esta semana, em Brasília, quanto à situação do porto. "Se alguma coisa acontecer por ali, a responsabilidade será do Estado, já que foi ele quem efetuou o tombamento. Nós apenas fizemos um convênio visando a sua reconstrução, o que até agora não aconteceu por pura incompetência do Estado", revelou uma fonte do órgão, que em outubro esteve em São Mateus visitando os escoramentos feitos no primeiro semestre.

As primeiras notícias sobre o porto de São Mateus datam de 1572, quando jesuítas, entre os quais o padre Anchieta, vindos de Porto Seguro, subiram o rio Cricaré, chegando à localidade onde hoje é São Mateus. A época da construção e auge da importância do porto data de 1823 a 1860, embora se saiba que no princípio deste século ainda houvesse alguma atividade no local, embora diminuta em relação ao século anterior e restringindo-se apenas ao transporte de passageiros. Hoje só há ruínas. Os velhos armazéns e casarões estão cheios de mató, alguns ameaçam desabar e uns poucos ainda resistem à ação do tempo e do homem.

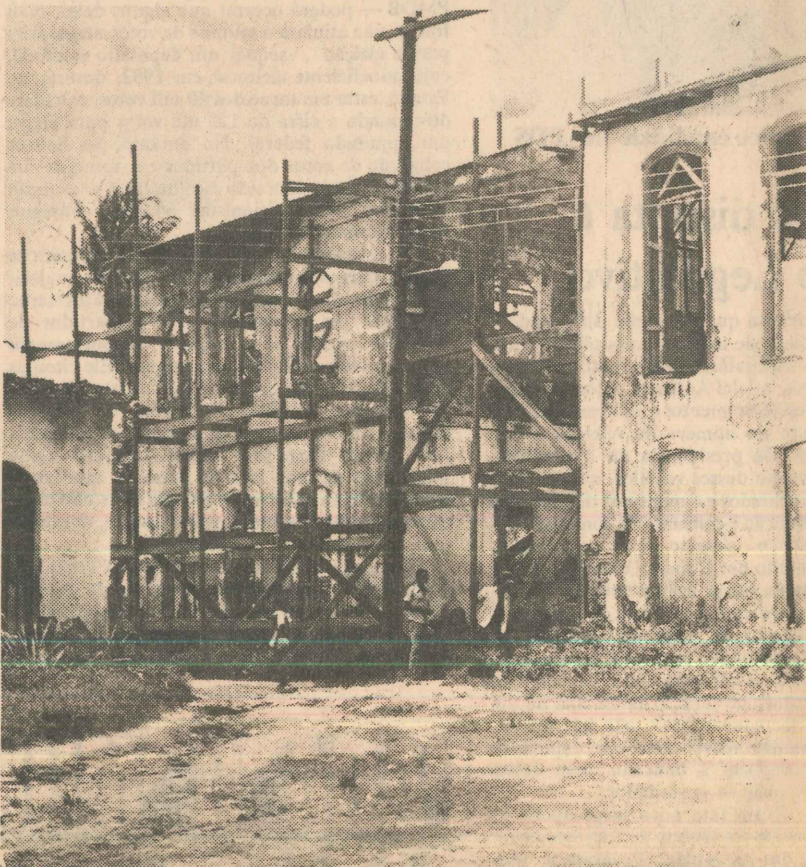
Em 1978 iniciaram-se gestões junto à esfera federal para se obterem recursos para a reconstrução do porto. Era um projeto de "urgência", que, contudo, só foi assinado no ano seguinte e iniciada a sua execução um ano depois.

O serviço executado foi o de escoramento dos prédios. Contudo, nas portas e janelas colocaram eucalipto verde e este, quando seco, encolhe, tornando o serviço imprestável. Muitas das escoras foram retiradas por moradores próximos para utilizá-las como combustível. Feito este "serviço", nada mais foi realizado no porto. Há seis meses que os moradores dos casebres próximos não vêem nada, em termos de restauração ou reconstrução do porto de São Mateus.

Cético e irônico, o bispo de São Mateus, dom Aldo Gerna, considerou o serviço de escoramento uma "brincadeira" e que o porto não precisava ser tombado pelo Estado, pois já estava "tombado" há muito tempo. Na Prefeitura de São Mateus, assessores do prefeito garantem que a parte que cabia ao órgão foi feita, ou seja, a conscientização da população da área do porto e do município para a importância da sua conservação.

Só há uma única notícia boa,

relacionada com o porto: no princípio de janeiro, representantes de todos os Estados que têm projetos de restaurações e reconstruções de obras históricas estarão reunidos em Brasília, sob a coordenação da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A responsável interina da Fundação Cultural — atual responsável pelo Porto de São Mateus —, Beatriz Abaurre, conta com a presença do secretário da Educação, Stélio Dias, já que, com a extinção da fundação, o assunto porto de São Mateus passará para a área do Departamento de Cultura, ligado à Sedu. Para ela, será muito importante a presença de Stélio na reunião, já que ele poderá reivindicar a agilização do projeto, atualmente parado. Se alguma coisa irá ser conseguida não se sabe; o que se espera é que pelo menos o porto não desapareça, como diz uma velha comerciante no local para os jornalistas: "Fotografem, pois amanhã ele (o porto de São Mateus) pode não mais existir".



As obras realizadas até agora não impedem os desabamentos

Verba não sai por falta de projetos

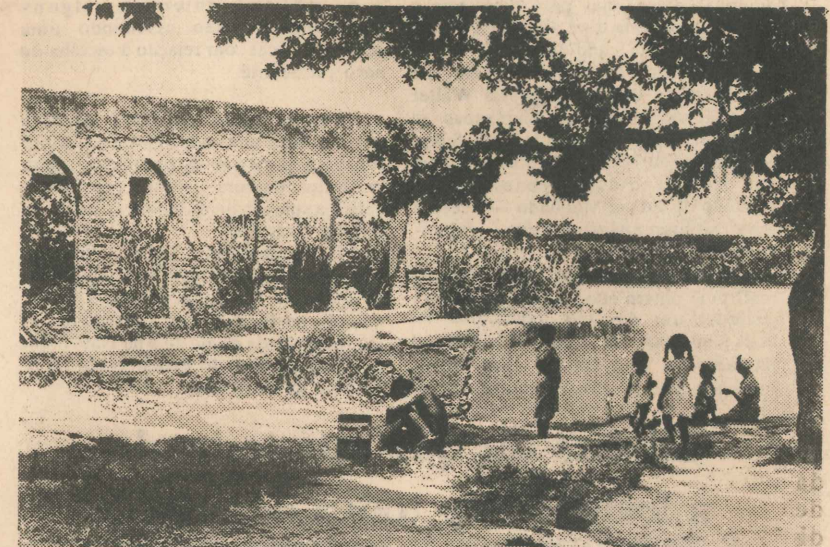
Em 1979, depois de um ano de gestões e em caráter de urgência, foi assinado entre a atual Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a Fundação Jones dos Santos Neves, convênio no valor de Cr\$ 6 milhões para as obras de escoramento do Porto de São Mateus. O convênio, assinado em caráter de "urgência", não teve tanta pressa assim para ser executado, já que só começaram os escoramentos em 1980, sendo que a assinatura do mesmo aconteceu no dia 02 de abril de 1979.

Preocupados com o atual estado do porto, técnicos da Secretaria manifestaram esta semana em Brasília seus receios quanto à destruição do porto. "Primeiro foi a demora para a execução do convênio por parte da Fundação Jones dos Santos Neves. Depois passou para a Fundação Cultural, que realizou o escoramento, e hoje não sabemos mais a quem o problema está afeto", reclamava um técnico do órgão em Brasília, que em outubro deste ano esteve em São Mateus e constatou que o projeto estava sendo mal executado.

Além dos Cr\$ 6 milhões da SPHAN, mais Cr\$ 1,2 milhões foram desembolsados pelo Estado, como parte do convênio. Pelo que se apurou, a verba da Secretaria não foi entregue totalmente. Só uma parte. A outra está na dependência da continuação do projeto de restauração, que até agora é uma incógnita.

Os técnicos em Brasília mostram-se céticos e dizem que se algo acontecer ao porto de São Mateus, em termos de desabamentos, o culpado será o Estado, já que é dele a responsabilidade, uma vez que o tombamento não foi feito pela União e sim pelo Governo do Estado do Espírito Santo. A Secretaria do Patrimônio, a título de colaboração, fez o convênio destinado à recuperação do porto. Eles estranham ainda que o convênio, feito e assinado em caráter de urgência, tenha a sua execução levada a efeito com morosidade.

Na última vez que estiveram no Espírito Santo, os técnicos da SPHAN



Os moradores não vêem o valor histórico do porto

estiveram com o ex-secretário do Planejamento Arlindo Vilaschi e este prometeu montar um escritório técnico para elaborar o projeto de restauração. Com a saída de Arlindo e a extinção da Seplan, o escritório caiu no esquecimento e os funcionários da Secretaria do Patrimônio Histórico estão sem saber a quem se dirigir no Espírito Santo sobre o assunto, reclamando ainda que já estão cansados de fazer relatórios. Eles advertiram que somente após elaborado o projeto de restauração do porto é que será liberado o restante do financiamento.

Em Vitória a responsável interina pela Fundação Cultural do Espírito Santo, Beatriz Abaurre, revelou que nos dias 7, 8 e 9 de janeiro haverá uma reunião nacional na Secretaria do Patrimônio Histórico, com representantes de todos os estados que possuem acervos artísticos e culturais. "Espero que o secretário da Educação, Stélio Dias, compareça a este encontro, já que o assunto do porto passará para a

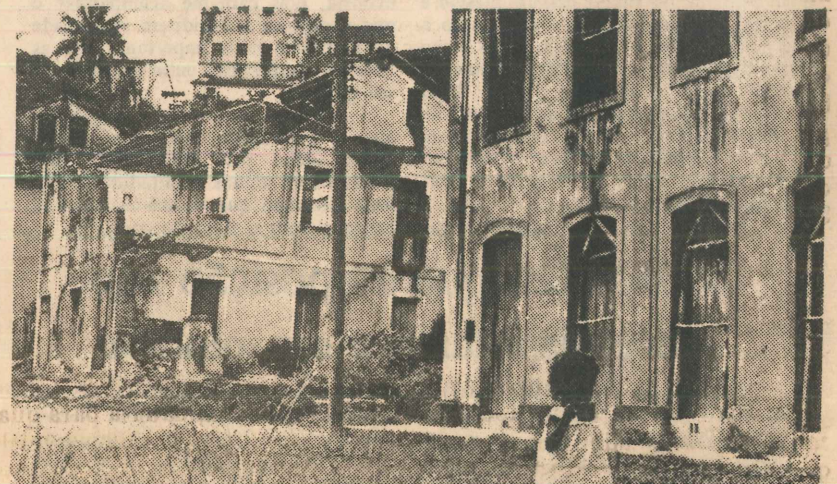
alçada do Departamento de Cultura. Nesta reunião estarão todas as autoridades de estados que têm projetos com a SPHAN em andamento, e seria importante a presença do secretário Stélio Dias."

Beatriz informou ainda que os técnicos da Secretaria do Patrimônio ficaram decepcionados com a saída do secretário do Planejamento, Arlindo Vilaschi, "Eles, quando aqui estiveram, mantiveram contatos com o secretário, objetivando a instalação de um escritório técnico para dar andamento ao projeto, mas que infelizmente não foi levado adiante. Ela informou ainda que o restante dos Cr\$ 6 milhões do convênio estão depositados, mas só podem ser movimentados após a conclusão do projeto. A sua pretensão, quanto à presença do secretário Stélio Dias em Brasília, no início de janeiro, é no sentido de que ele agilize junto à Secretaria do Patrimônio o andamento do processo de restauração do Porto de São Mateus.

Casarões estão ameaçando desabar

Escoramentos retirados, ameaças de novos desabamentos, abandono total e sem qualquer perspectiva concreta para o início da reconstrução, assim pode ser encontrado hoje o porto de São Mateus; um dos mais importantes acervos do patrimônio histórico e arquitetônico do Espírito Santo. O local, que no século passado e princípio deste foi um dos mais importantes portos do Estado, mais se assemelha a uma cidade fantasma, com os escombros dos antigos casarões e armazéns ameaçando desabar a qualquer instante.

Alheias a tudo, várias pessoas residem em alguns prédios, ou moram nas proximidades, olhando com certo desprezo para os velhos casarões e transitando sem grandes preocupações pelas velhas ruas e ladeiras do porto de São Mateus. Segundo elas, o escoramento foi feito há cerca de seis meses e de lá para cá nada mais foi feito. Nas portas e janelas usou-se



em grandes proporções pelas ruas e ladeiras do porto de São Mateus. Segundo elas, o escoramento foi feito há cerca de seis meses e de lá para cá nada mais foi feito. Nas portas e janelas usou-se madeira de eucalipto verde. Esse material, segundo os moradores, depois de seco sofre um processo de encolhimento, tornando o escoramento insuficiente.

Além disso, muitas famílias, que se utilizam de fôgo a lenha, retiram os eucaliptos secos para usarem em suas casas como combustível, fato facilmente comprovado com uma visita à área, quando notasse que várias portas e janelas já não mais possuem o escoramento. Os moradores, por sua vez, denunciaram que havia muita madeira, que não o eucalipto, para o escoramento e que ao final dos trabalhos foi levada embora, segundo comenta-se, para Linhares.

Com as chuvas que caíram em princípio de dezembro, elevando o nível do rio Cricaré, muitas famílias foram obrigadas a deixar seus barracos à beira do rio, ocupando vários casarões. Algumas já retornaram, mas outras ainda estão abrigadas no local, ignorando todo e qualquer perigo. Elas argumentam que não têm outro lugar para morar quando o rio sobe, e, por isso, recorrem aos velhos casarões.

Uma comerciante estabelecida no local, abordando o abandono do porto, salientou: "Fotografem tudo hoje, pois quem sabe amanhã não exista mais nada disso aqui. Está tudo podre e o desabamento das casas é apenas questão de tempo, basta chover alguns dias para isso acontecer. Por isso é bom vocês fotografarem tudo, pode ser a última vez".

O escoramento interno das casas foi feito, mas hoje a madeira já se apresenta velha e ressecada. O mato cresce dentro da maioria dos casarões, dando bem uma mostra do estado de abandono a que foi relegado o porto de São Mateus. O tombamento do porto por parte do Estado, ao que parece, ficou apenas no papel, já que não se constata qualquer obra ou melhoramento no local, afora o escoramento, que foi feito com verbas da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e do Estado.

O antigo mercado, onde as mercadorias que chegavam de barco eram comercializadas, hoje é apenas uma vaga lembrança do passado. O forro feito em madeira apresenta várias falhas, o velho chafariz em frente já não mais funciona. No local reside uma família e serve também de área de recreação para menores do Iesbem, que mantém um serviço em São Mateus. Algumas obras de



Os escoramentos foram considerados "uma brincadeira"

"restauração" podem ser notadas, como, por exemplo, a colocação de telhas modernas no lugar das originais, desfigurando totalmente a imagem do local.

Segundo a história, em 1572, conforme conta uma carta do padre Manoel da Nóbrega, três jesuítas partiram de Porto Seguro em direção ao sul, chegando à foz do rio Cricaré. Os três jesuítas eram Anchieta, Gusmão e Cardim e subiram o rio, encontrando cerca de 20 famílias azeitadas num engenho de pau e mais uma igreja chamada São Mateus.

Os dados históricos a respeito da colonização de São Mateus são raros, imprecisos e contraditórios, mas tudo leva a crer que ela foi feita por portugueses que, saindo de Porto Seguro, se aventuravam rio acima em busca de riquezas.

A construção do porto de São Mateus foi uma imposição da intensa colonização da região, entre 1823 e 1860, e do ciclo da mandioca e açúcar. Uma média de 40 veleiros atracava diariamente no porto, deixando a produção agrícola para ser enviada a Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Desses barcos, o de maior capacidade era o "Nacional Brasileiro", que chegava a transportar 1.500 alqueires de farinha de mandioca da fazenda "Campo Redondo".

O porto tinha trapiches, vias de atracação e grandes armazéns. Em função dele nasceram inúmeras companhias de navegação. Os navios do "Loyde Brasileiro", "Industrial" e "Mayrink" transportavam regularmente passageiros de São Mateus para as mais importantes capitais do país. Ainda no início deste século embarcações faziam este tipo de transporte, que depois terminou.

A queda radical da importância do porto de São Mateus foi tão surpreendente e súbita quanto seu início. O material de exportação e consumo começou a escassear, ao mesmo tempo em que o desmatamento da região tornava a navegação do rio impraticável e o transporte tornou-se mais viável e rápido pelas rodo-

vias que começavam a ser construídas na região. Hoje o porto, abandonado, não retrata o seu passado cheio de dinheiro e embarcações. Do passado, na verdade, restou somente o estilo colonial, que ainda pode ser notado no que restou dos velhos armazéns e casarões.

TOMBAMENTO

No último trimestre de 1976, o então governador Elcio Alvares anunciou o tombamento, por parte do Estado, do porto de São Mateus, uma das principais reivindicações dos elementos que realizavam as semanas de arte de São Mateus. Um ano depois o decreto regulamentando o tombamento era apenas letra morta, já que nada de concreto havia sido feito para recuperar o porto.

É este o texto do decreto:

"Conselho estadual de Cultura. Resolução nº 01/76. Aprova o tombamento do Porto de São Mateus. O Conselho Estadual de Cultura do Estado do Espírito Santo, no uso de suas atribuições legais e em consonância com o que determinam os artigos 5º, 6º e 7º da lei nº 2947 de 17/12/1947, regulamentadas pelos artigos 2º, 3º, 4º, 5º e 6º do Decreto nº 626-N, de 28/02/1975, resolve:

1 — Aprovar o tombamento dos imóveis localizados na área do Porto de São Mateus, constantes dos processos nº 17.302,75, conforme parecer conclusivo da Câmara de Artes e Patrimônio Histórico referendado por este Conselho. 2 — Notificar nos termos do artigo 6º da lei nº 2.947, de 16/12/74, para efeito da presente resolução, os proprietários dos imóveis da área".

Ao todo foram tombados 25 imóveis localizados nas ruas Coronel Domingos Rios, Graciano Neves, Mateus Antonio, G. Andrade e da rua Ladeira de São Benedito. A resolução foi assinada pelo então presidente do Conselho Estadual de Cultura, Arabelo do Rosário, em 18 de outubro de 1976.

Bispo: "Obras parecem brincadeira"

"O porto de São Mateus não precisa ser tombado pelo Estado. Ele já tombou". Desta maneira irônica o bispo de São Mateus, dom Aldo Gerna, se referiu à atual situação no porto de São Mateus. Para ele as obras de escoramento foram uma "brincadeira".

Segundo revelou o bispo, há meses ele não vai ao local, mas pelo que sabe a situação em que se encontra o casario não é das melhores. "Na época das obras de escoramento eu estive lá e, sinceramente, não acreditei que aquilo pudesse resolver alguma coisa, e a prova disso é a situação, no local. Sinceramente, aquilo que fizeram, no porto foi uma brincadeira e nada mais".

Dom Aldo Gerna não acredita que possa haver recuperação do casario do porto de São Mateus. "Pelo que sei, as condições das casas são bastante precárias e não creio que possa haver reconstrução. Não fizeram nada até agora e não acredito que venham a fazer".

Na Prefeitura de São Mateus, o secretário do prefeito Gualter Nunes Loureiro, Matheus Rossini Santos, e o secretário de Turismo, Eliezer Nardotto, informaram

que a prefeitura tem realizado um trabalho de conscientização da população do município e da região do porto, no sentido de fazer com que entendam a importância do porto de São Mateus para a cultura e a memória capixabas. "Esse trabalho já apresenta bons resultados, prova disto é que sempre que algo de anormal acontece em um dos casarios somos avisados imediatamente", revelou Matheus Rossini.

Ele esclareceu a presença de famílias nos casarios. "Elas estão lá provisoriamente, já que as residências onde moram foram inundadas pelas últimas chuvas e então tivemos que abrigá-las em algumas das casas do porto, sobretudo aquelas que estão em melhores condições de segurança. Mas, assim que a situação nas suas casas melhorar, as famílias retornarão".

Em relação à reconstrução do porto, o secretário de Turismo, Eliezer Nardotto, considerou que ela não pode demorar muito tempo para ser realizada. "Quanto mais tempo demorar, pior vai ficando a situação dos prédios, em que pese o escoramento feito no local para impedir novos desabamentos". Ele esclareceu

também que o último desabamento ocorrido no porto se deu em razão de uma batida de um caminhão numa das escoras, e que fez com que uma parede — a única que restou de uma das casas — fosse abaixo. "Este foi o último desabamento que aconteceu no porto, mas não foi em decorrência da falta de escoramento".

Tanto o secretário do prefeito como o de Turismo não creem que o fato da Prefeitura de São Mateus estar nas mãos da oposição seja motivo para o atraso do início da reconstrução do porto. "Não acreditamos que isso esteja ocorrendo, pelo contrário, quando existia a Fundação, vários técnicos estiveram aqui, iniciaram o escoramento, que está até hoje no porto, só faltando agora a reconstrução. Não há motivos políticos".

Referindo-se à reconstrução, o secretário Matheus Rossini afirmou que o primeiro passo no sentido de recuperar o porto de São Mateus já foi dado com o escoramento dos prédios. "Isso foi muito importante para a conservação do porto, agora só esperamos a reconstrução. O primeiro passo já foi dado".